Escrita e corpo: vestígios subterrâneos da subjetivação

Pedro de Souza

RESUMO: *In this paper I analyze the subjective dimension of the act of writing. My aim is to explore the enunciative operations through which the body produces gestures that draw upon the inseparable course of writing from subjectivity. The starting point is to take the articulation between body and writing as movements that make the formation of the self possible.*

PALAVRAS-CHAVE: *Escrita; Sintoma; Enunciação; Eubjetividade; Discurso.*

1. PREÂMBULO

Este artigo é o prolongamento de um trabalho anterior (Souza, 2006) em que parto da idéia de que corpo e sujeito são resultados de uma articulação de linguagem em ato na escrita erótica, que ao mesmo tempo lhes interpreta e lhes dá forma. As premissas teóricas, com matriz em Nietzsche, Foucault, Agamben e Benveniste, são as mesmas. Insisto no pensamento de que só há corporeidade e subjetividade, no plano da linguagem. Volto ainda ao postulado de que corpo e escrita não passam de rastros que formam em espaços voláteis formas inconclusas de subjetividade. Proponho que os gestos corporais a compor uma cena erótica implicam por trás delas uma solidariedade de movimentos que ao mesmo tempo encobrem e potencializam um estado de potência subjetiva.

No entanto, no trabalho que agora proponho, ainda que permanecendo no mesmo tema, desloco o foco da cena do erotismo para a solidão do corpo fisicamente limitado do paraplégico. Nesta condição, o que resta de

erótico, recupera-se nos gestos que o corpo paralisado guarda em si como memória dos primeiros exercícios de escrita desde a infância. Refiro-me a um particular aspecto do infante como ser destituído de linguagem, tomando esta como espaço inegociável da articulação lingüística que se processa quer pela oralidade, quer pela escrita. Ambas as modalidades de enunciação apelam para fragmentos regionais do corpo. O importante é não perder de vista que esses modos de enunciar são meios que demandam porções do corpo como lugar de sustentação material. A fala solicita o movimento das cordas vocais em consonância com os componentes da boca, assim como as mãos e os dedos devem se ajustar aos movimentos sinuosos do lápis que imprimem grafismos no papel.

Não quero falar, a modo de um desenvolvimentismo retrospectivo, do tempo em que, treinando as mãos inseguras, a criança aprende a desenhar uma caligrafia sem conteúdo. Quero sim pensar de outro jeito o acontecimento da produção das primeiras letras, ocasião em que o ato de escrever é sintoma de sucessivos esforços motores para justapor corpo, escrita e sujeito. Trata-se aqui do processo de se tornar sujeito efetivado pelos movimentos que o corpo, tomado em sua precariedade, enceta em suas extremidades, gerando grafias cujas formas aerodinâmicas são vestígios subterrâneos de um si possível.

Daí que nada mais oportuno do que olhar para indivíduos acometidos de paraplegia no momento em que se contrapõem à inércia do corpo e decidem escrever. Não importa se mãos, pernas ou pés já não dispõem da motricidade necessária. O que importa agora é fazer retornar o que resta dos gestos que se sucediam ao uso das mãos para escrever, ou seja, os gestos incorporais desprendidos da corporeidade e transformados em movimento atuante por trás do que falha no corpo.

Para tanto, no campo circulação de textos autobiográficos, detenho-me sobre um fenômeno em que a subjetividade surge da experiência trágica e inesperada de tornar-se fisicamente limitado. Pelo que se observa em vários relatos produzidos em circunstâncias em que o corpo fica precário em sua capacidade de mover-se, a decisão de escrever sobre o que se passou mostra como o sujeito coloca-se em suspensão confrontando as próprias deficiências corporais na qualidade de lugar material da escrita de si. Trata-se, no instante em que escreve, de fazer trabalhar, no movimento incerto e errante da escrita, a falência e desarticulação de dadas funções corporais.

Assim se pode definir a composição escritural da autobiografia que se constrói como alternativa da enunciação agenciando o dizer da experiência limite. A análise aqui deve ser conduzida de modo a colher em dada superfície narrativa o metadiscorso que permite descrever, na fala do sujeito que escreve narrando a si como paraplégico, a precariedade que se ex-

perimenta no corpo. Ela se faz como sintoma de subjetivação que explode na escrita e no corpo.

Dito de outro modo, através de repentinas e violentas quebras da força que move o corpo, advém a hora de recompor nele outra subjetividade, mediante modos enunciativos inusitados que conduzem o movimento da escrita autobiográfica. Trata-se de estratégias singulares de enunciação que desmontam e desestabilizam a certeza de relatar uma linha contínua de vida, a partir de ilusórias convicções de que os sentidos sempre estiveram dados de uma vez por todas.

2. A ESCRITA QUE VEM COM O CORPO

É preciso postular uma superfície móvel de articulação para que corpo, escrita e sujeito sejam concebidos assim de modo justapostos. Proponho que a escrita, produto visível gerado no gesto invisível de partes corporais, seja concebida com esse estatuto e essa função. Vale lembrar aqui que para os tetraplégicos a boca e os lábios podem substituir as mãos e os dedos na tarefa de escrever.

Neste ponto, recorro a duas maneiras de conceber a relação entre o sujeito escrevente e a ação de escrever. A primeira é de Blanchot (1987) quando este discorre sobre a relação entre escrita e leitura e, através da expressão imperativa *Noli me legere*, retira de si e do leitor qualquer possibilidade de o seu escrito vir a ser lido como texto definitivo. É que no instante em que seu escrito torna-se obra, o escritor já não pode permanecer junto dela (BLANCHOT, 1987, p.14). Com isso o autor apresenta tanto a obra quanto o ato de escrevê-la como algo em que o escritor não existe:

O abrupto *Noli me legere* faz surgir, onde não existe ainda senão um livro, já o horizonte de outra potência, de uma força diversa. Experiência fugidia ainda que imediata. Não é a força de uma interdição, através do jogo e do sentido das palavras - afirmação insistente, rude e pungente, de que o que aí está, na presença global de um texto definitivo, todavia se recusa, é o vazio rude e mordente da recusa; ou então exclui, com a autoridade da indiferença, aquele que tendo-o escrito quer ainda reavê-lo de novo pela leitura." (BLANCHOT, op. cit., p.14)

Não é o caso aqui de discorrer mais extensamente sobre as conseqüências do pensamento de Blanchot. Minha idéia é tomar na afirmação citada o ponto de contato que se liga ao tema deste artigo. Se não há sujeito na

origem da obra, como este mesmo, o escritor, proclamado como ausente antes e depois dela, pode ser capturado em seus vestígios no interior da escrita que produz? Daí que, para falar desta ausência subjetiva sintomática, Blanchot detém-se nos movimentos dos membros corporais que tornam possíveis o ato e a experiência subjetivante de escrever.

Na exterioridade do discurso que impele o sujeito a escrever, repetindo ou transgredindo o já-dito, Blanchot se detém no detalhe minimal e esquecido que diz respeito à mecânica do escrever. Diante da injunção de dizer realidades, objetos, acontecimentos, Blanchot pensa no homem escrevente que segura um lápis, na mão que involuntariamente recusa soltá-lo. Imagina a outra mão intervindo na tentativa de afastar o lápis, enquanto imediatamente a mão que o segurava antes se movimenta e toma lentamente de volta o lápis já distante.

Ainda que não se trate da temática que desenvolvo acerca das relações imbricadas entre corpo e escrita na composição do sujeito enquanto escreve, sugiro que Blanchot dá a ver um elemento da cena do ato de escrever, ignorando quem escreve e sobre o que se escreve e apenas destacando o gesto invisível que se insinua por trás da mão que segura o lápis:

O que é estranho é a lentidão desse movimento. A mão move-se num tempo pouco humano, que não é o da ação viável, nem o da esperança mas, antes, o da sombra do tempo, ela própria sombra de uma mão deslizando irrealmente para um objeto convertido em sua sombra. Essa mão experimenta em certos momentos, uma enorme necessidade de agarrar: ela deve agarrar o lápis, tem de fazê-lo, é uma ordem, uma exigência imperiosa.(...) (BLANCHOT, op. cit., p. 15)

A segunda maneira de pensar a relação entre corpo e escrita na formação do sujeito, retomo da metáfora formulada por Michel Serres que, ao referir-se à experiência de escrever, diz o seguinte :

Neste momento todo o corpo se une, dos pés ao crânio: cabeça e ventre, músculos e sexo, dorso e nádegas, suor e presença de espírito, emoção, atenção e coragem, lentidão e perseverança, os cinco sentidos reunidos pelo sentido do movimento.(...) ..., se o corpo por ventura afrouxasse a mão numa agarra ou deixasse de vê-la, voaria como um fantoche de gestos ridículos e desarticulados (SERRES, 2004, p. 17).

Assim, a mesma faculdade motora que faz o corpo gerar dança, também o faz produzir escrita como gesto. Proponho então que esse elemento

residual acoplado ao gesto de escrever é o que retorna como potencia de subjetivação no paraplégico ou no tetraplégico. Digo que isso que retorna, mostra-se como reminiscência da infância, instante em que estar destituído de escrita equivale a estar privado da motricidade necessária para escrever. Desse modo, escrever é atitude que remete ao estatuto da escritura como gesto sintomático atuando, na inércia motora, a possibilidade de avançar para outra coisa, outro modo de subjetivar-se.

3. PONTO DE PARTIDA

Entre os vários escritos que se abrem para essa direção analítica, escolhi o de João Carlos Pecci, *Minha profissão é andar*. O livro é o relato em primeira pessoa sobre o que vivenciou um paraplégico desde que, aos 28 anos, sofreu um acidente de automóvel. No desastre, a compressão da medula espinal o fez perder quase toda a mobilidade. Esse texto nos interessa como ponto de partida e fio condutor de uma análise em que a escrita não passa de gesto de subjetivação acoplado ao corpo. Não interessa tomar essa narrativa como um fragmento de enunciação que remete ao campo discursivo dos deficientes físicos. Muito distante desse propósito, isto é, fora de discurso, o livro é tomado, entre vários outros do mesmo gênero, pelo que permite pensar acerca da sinergia entre corpo e escrita, remetendo a posturas, gestos escriturais que agem, indiferentes ao acontecimento narrado.

Nas primeiras frases dessa narrativa, aparece de imediato a insígnia patente do contrato autobiográfico: Eu sou um homem. E como tantos outros, meu nome é João (PECCI, 1980, p. 7). O eu, o verbo empregado no tempo presente, a declaração do nome próprio são elementos do enunciado que apontam para alguém falando na enunciação. É como o narrador decide apresentar o protagonista que é ele mesmo. Mas a separação numérica dos entrecos, quase ao estilo de aforismo, abre um intervalo entre o eu que se apresenta como João e o que se exhibe em seguida conversando com a namorada ao telefone. Ela estava no Rio de Janeiro e ele em São Paulo.

- Por que não vem de ônibus? Meu carro está aqui.
- Eu sei, mas eu gosto de viajar de carro. E quero chegar logo! Muito queimada, é?
- Surpresa... vem logo!
- Amanhã eu te como inteira... Estou te esperando, tá? Te amo.
- Um beijão grande. Também te amo. Tchau, amor. Desliga aí, tá?
- Desliga você... te amo. (PECCI, op.cit., p. 7-8)

O modo de narrar, introduzindo o leitor diretamente no cenário do acontecimento, opera por síncope entremeando diferentes coordenadas de enunciação. Na sequência do diálogo exposto acima, vê-se que o último fragmento narrativo em estilo direto se liga ao primeiro do que vem a seguir, expresso na forma indireta.

E ela desligou. Eu fiquei olhando para o fone, sorrindo sozinho, e lhe dei um beijo demorado, antes de colocá-lo no aparelho. (PECCI, op.cit., p. 8)

O tempo da escrita fica ralentado no modo de narrar o detalhe de uma cena. A retenção sobre um ponto do percurso narrativo marca aqui o lugar sintomático em que se estrutura o que vai ser contado, mediante a passagem brusca à descrição do acidente. Já não há como adiar a difícil empresa de relatar por escrito uma catástrofe.

A narração progride para outra temporalidade. A progressão torna-se ainda mais lenta, à medida que o esforço de escrever tematiza o que está prestes a se modificar: a relação do sujeito que escreve com o movimento de seu corpo. Nessa transmutação orquestrada por um gesto de escrita que se imbrica com os gestos corporais perdidos se pode observar a subjetivação se fazendo em retrospectiva. Neste momento, o ato de enunciar pressupõe articulação que faz apelo ao corpo ora pela voz para falar, ora pelas mãos para escrever.

Implicitamente o presente da enunciação escritural coincide com o instante em que o enunciador se acha reconciliado com sua nova natureza corporal. Mas para fazer a experiência do que se passa, agora que é provido dessa outra dimensão motora que o subjetiva, é preciso deslocar-se até o instante imediatamente anterior ao acontecimento do acidente e fazer da exposição do como se tornou paraplégico a construção de uma subjetividade.

No dia seguinte, saí de São Paulo às três da tarde, mas não cheguei ao Rio e nem fomos a Cabo Frio... A estrada longa, o chão molhado, a curva, a derrapada. O brusco movimento de pescoço. E o deslocamento da sexta vértebra de minha coluna cervical: a medula atingida. (PECCI, op.cit., p. 8)

Para falar desse sujeito que aparece na articulação entre movimentos - heteroclitamente concebidos - presentes na escrita e no corpo de quem escreve, é preciso pressupor uma distinção. Aludo ao que Emile Benveniste define como o plano da narrativa e o plano do discurso. No primeiro, o

acontecimento apresenta-se por si, prescindido da ação de quem conta. Já no plano do discurso, observa-se o ato de quem enuncia e as decisões lingüísticas sob as quais delinea ancoragem de tempo e lugar em que se coloca para tornar-se, no caso da autobiografia, o narrador a quem se aplica a história que narra. Aí, o tempo que conta não é o da linha dos eventos passados perfazendo uma vida, mas o do ato mesmo de escritura como modo operacional da conversão do vivido em discurso. A este propósito, vale citar como João Carlos Pecci, registra nas primeiras páginas de seu livro, a hora em que, depois do acidente, acordou inerte no leito de um hospital:

Sobre minha cabeça um teto branco. Deitado, tentei virar o corpo. Somente os olhos viraram.

Era um hospital, e eu estava paralisado. Uma calma estranha se apossava de mim.

Chamei gritando por uma enfermeira, pois não podia alcançar a campainha. As perguntas que fiz, respondeu-me simplesmente que eu havia sofrido um acidente.

A partir desse dia, eu continuaria a ser um homem. Mas teria de construir uma natureza nova. Aquela que eu possuía, há vinte e seis anos, atirou-se fora. Assim como se joga no chão um papel de bala. (PECCI, op.cit., p. 8)

É importante atentar para o emprego dos tempos verbais que predominam na composição destes trechos. O emprego do pretérito imperfeito e do futuro do pretérito ralenta a duração vinculada ao acontecimento que se descreve. O narrador faz da ênfase aplicada ao aspecto da flexão verbal a dêixis que aponta para a intensidade do instante em que se percebe paralítico. Pelo manejo lingüístico de um modo de estilo que não refere senão a si mesmo como forma intransitiva de expressão, o protagonista - figurado nos olhos a girar sob um teto branco - mostra, no e pelo movimento escritural, o que lhe resta móvel em seu corpo imóvel.

De modo que não é fora dos gestos que o exibem escrevendo que se pode ver o escrevente tornando-se imediatamente disposto a inventar para si uma outra natureza subjetiva, a que deve agora deslocar a capacidade de mover-se - ausente no corpo paralítico - para outros objetos que o rodeiam. É como se o narrador optasse por um modo de enunciação que apon-tasse não para a voz lamentando a perda de seus referenciais subjetivantes no esfacelamento da integridade corporal, mas para o eu a vir ante aquilo que falha no corpo.

Não se trata apenas de um estilo de escrita entre outros. O modo de escritura é a condição material do que, nos termos de Pelbart, emerge como

a retomada do corpo “naquilo que o faz equivaler à pura impotência de onde ele extrai uma potência superior, liberado da forma, do ato, do agente, até mesmo da postura” (PELBART, op. 2004, p. 42).

Diria que o tema da motricidade corporal e de sua perda é a peça fundamental da engenharia autobiográfica deste narrador escrevendo a vida desde o instante em que fica paralisado. Contudo concebo a unidade temática não como conteúdo a ser decifrado na narrativa e sim como dispositivo enunciativo escritural que move, na inércia repentina que se designa por paraplegia - a perda dos movimentos dos membros inferiores - vestígios subterrâneos de subjetivação. Assim conduzo minha análise pela escolha deste foco temático tomado como algo que tem a propriedade de se descolar das engrenagens mecânicas do corpo humano e derivar no corpo da escrita deste gênero de narrativa de si outras possibilidades de ser sujeito, este a propósito de que se produz uma autobiografia.

4. DE COMO O CORPO DERIVA ESCRITURA

A partir do tema do movimento quero ainda explorar lateralmente o tema do corpo paradoxal, segundo a proposição de José Gil. O propósito é contemplar o modo como a motricidade, tomada no instante em que falha no corpo, entra em ressonância material com o movimento próprio da escrita e solidariamente compõe nela um sujeito. Nesse aspecto, detenho minha análise em um dos múltiplos aspectos fundamentais da estrutura paradoxal do corpo apresentado por Gil. Ao falar da possibilidade de o corpo ser habitado e desertado pela “alma”, e de acolher em si outras almas, o autor retoma o problema da articulação *psychê/soma* e destaca nessa questão a propriedade de que tem a consciência de impregnar-se dos movimentos do corpo. Neste sentido, dar-se conta do corpo significa deixar que a consciência seja invadida por ele, entrando na zona das pequenas percepções.

Assim a consciência do corpo nasce dos poros da consciência: onde nada do exterior se suspende a uma palavra, o corpo vem preencher a lacuna.

Sob que forma o corpo apaga os buracos da consciência, irradiando em seguida sobre toda sua superfície? Sob a forma de pequenas percepções, dos movimentos do corpo, dos movimentos afetivos, sinestésicos, pequenas percepções de espaço e de tempo (...) os afetos e os ritmos corporais não formam uma barreira para a consciência de si., criam um outro tipo de consciência porque seus movimentos dirigem agora os movimentos da consciência. A consciência do movimento mudou-se em movimentos de consciência. (GIL, 2002, p. 142)

Conforme adverti antes, não quero falar do uso que o paraplégico faz da escrita tomando-a somente como meio de expressão do que se passa fora e antes dela. Na autobiografia que se produz sob a égide da experiência do desastre, penso flagrar o sujeito paraplégico apoiando-se no movimento do arranjo escritural. Tal é a postura em que ele se mostra a construir uma nova percepção de si e de seu corpo. Nem o escrever, nem o andar em cadeiras de rodas aparecem como meros instrumentais substitutos de um corpo que não se move. O que Gil chama de pequenas percepções acredito ser possível apontar na maneira com que João Carlos Pecci narra o retorno à casa.

(...) Voltava para casa, e teria agora que viver paralisado, nos mesmos lugares em que eu andara firme e corra.

Minha casa! De salas abertas, de quintal largo, de banheiro cheiroso, de quartos grandes e mansos. Minha casa! Da qual eu era um pouco a cozinha, a garagem, os móveis, os livros.

E escada acima, rumo ao quarto. A meio caminho, o banheiro aromático, de chuveiro forte. Subitamente me deu vontade de me sentar outra vez em seu vaso verde...

Eu retornava a essa casa. É duro ver o chão antigo e não poder pisá-lo. É bom reencontrar o quarto amigo, mas é cruel não poder deixá-lo. (...) “Mas apenas a paralisia de duas pernas não carregaria atrás de si a inércia de um homem. Um homem: muito mais poderoso acima do que abaixo da cintura.” (PECCI, op. cit., p.31).

Há neste trecho ao mesmo tempo uma unidade linguística literariamente disposta ao nível do enunciado e uma peça de testemunho ao nível da enunciação. O enunciativo se apresenta no tempo da passagem de uma a outra condição de sujeito. O reencontro com seu espaço de intimidade - a casa, o quarto, os pertences pessoais -, tudo compõe o cenário de uma escrita autobiográfica indissociável do acontecimento da paraplegia. Algo do movimento no corpo inerte reapresenta-se agindo na disposição narrativa.

Se “o gesto consiste em exibir uma medialidade, em tornar visível um meio como tal” (AGAMBEN, 2002, p. 67) aqui se tem a chave para compreender o modo como corpo e escrita se imbricam em consonância com um processo subjetivo. Por um lado, na narrativa em foco, algo no corpo do escrevente o impede de mover-se; por outro, esta mesma situação encerra em si o estatuto material dos movimentos corporais.

Ainda nos termos propostos por Agamben, trata-se de desvincular a representação do andar como meio de se deslocar de um lugar a outro, para pensá-lo como simples fim em si mesmo. Assim, em outra esfera, os passos que se dá alternando as pernas uma adiante da outra não se subordinam a um objetivo. Aí, diz Agamben, se encontra, no ato de mover mem-

bro corporais, o gesto enquanto movimento que carrega em si seu próprio fim. Qualquer que seja a ação que o desenha e suporta, o gesto a nada remete fora de si, ou seja, seu alvo é feito de uma exterioridade constitutiva.

É neste exterior constitutivo que se pode alocar, no movimento rarefeito do corpo parcialmente paralisado do paraplégico, o movimento da escrita. Ao que Agamben refere acerca da dança esteticamente descrita como um conjunto de ações corporais sem finalidade, anexo à ação de escrever. Dança e escrita - duas unidades lexicais que remetem à formação etimológica da palavra *coreografia*¹ - assim perfazem um mesmo campo que torna visível “o caráter medial dos movimentos corporais” (AGAMBEN, 2002, 69). Ambos, tomados na condição de gesto, não passam de esferas que exibem e suportam uma enunciação. Assim é que a partir da condição material da paraplegia, o ato de escrever dá a ver o gesto insinuando-se nos pontos de articulação sujeito/corpo que ali se processam.

Tudo isso passa por uma dura experiência que é o espaço originário da escrita de uma vida. Ainda com Agamben, cabe dizer aqui do traço próprio do gesto, ou seja, nem o produzir, nem o agir, mas o assumir e suportar. Mas como uma ação é assumida e suportada? - pergunta Giorgio Agamben (op. cit. p. 68). Cabe aqui responder adentrando o movimento escritural que se verifica na narrativa de João Carlos Pecci.

Fazia com a mente todos os movimentos que eram feitos com as pernas. A realidade de pernas fortes parecia criar vida dentro de mim, todos os dias” (...)

Na paraplegia cogita-se sempre da recuperação das pernas. Mas serão os braços, sem dúvida, os comandantes físicos do corpo. Meus braços: minhas novas pernas Eu teria de torná-los fortes capazes de me sustentar e de me locomover através de duas muletas (PECCI, op. cit., p. 44).

O que se assume e se suporta é, ao mesmo tempo, o gesto perdido de mover-se, dado fisiológico que, mediante a escrita, converte-se em acontecimento. O escrevente age sem sair do lugar, portanto destituído de meios e fins. Não obstante, ele não apenas restitui “movimentos que eram feitos com as pernas”. O paraplégico encontra aí algo de novo. É o caso de introduzir aqui o gesto como elemento operador que prescinde da idéia de meios e fins a que o caminhar está submetido – sempre se tem como fim a

chegada a um lugar, por meio de um modo de locomover-se.

Neste ponto é que demarco o estatuto da escrita como puro gesto. Roland Barthes (1984) entreviu este caráter, ao mesmo tempo móvel e vazio, do ato de escrever em que a grafia torna-se aos olhos de quem lê e de quem escreve, apenas rastros produzidos pela força que os dedos imprimem sobre o lápis e pelos movimentos que esta é levada a desenhar sobre a folha em branco. Ao ler os grafismos criados pelo artista Cy Twombly, Barthes faz ver como as produções do pintor remete ao ser da escrita, ou seja, à visão de que “a essência da escrita não é nem uma forma, nem um uso, mas apenas um gesto, o gesto que produz *deixando-a arrastar*” (grifo do autor). Mais adiante Barthes (op. cit. 139) acrescenta: “Da escrita, TW conserva o gesto, não o produto”.

É preciso lembrar que a escrita como ato material tem sua pré-história e condição de existência alojada em forças motrizes que compõem a potencialidade que o corpo tem de explorar o espaço desenhando nele estruturas e formas.

Acontece que historicamente a escritura emerge de um esquecimento ativo que faz a faculdade de produzir grafismos e letras ganhar autonomia ontológica com respeito às forças motoras que a sustentam². O evento da perda dessas forças remete a cena primeira da emergência da escrita como efeito dos exercícios preliminares de ritmo, orientação espacial e temporal. Refiro-me, sobretudo, ao contexto em que tais exercícios são propostos ao infante, não como medida de treinamento físico, mas antes de tudo na qualidade de trabalho de pré-escrita.

A pedagogia aqui consiste em levar a criança perceber-se orientando a refinada coordenação motora que desenvolve ludicamente e entregando-se à criação de grafismos, efeitos da dança produzida por certos movimentos corporais, a mesma que inscreverá, nos mínimos gestos de partes do corpo, o espectro da escrita a vir. Este é o momento em que se imprime simultaneamente a pauta de uma caligrafia e de uma coreografia, formações gráficas que resultam e se desprendem dos movimentos situados nos braços e nas mãos.

Tudo isso reconduz às considerações de José Gil (2002), expostas antes neste artigo, sobre a outra consciência de si que o corpo pode fazer agir retornando sobre algo inscrito nele em antigos e titubeantes exercícios de

¹ do grego χορογραφία; χορεία “dança” e -γραφία “grafia”, “escrita” (cf. <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Coreografia>>).

² É oportuno aqui lembrar os jogos de habilidades motoras propostos por psicopedagogos para crianças com problemas de motricidade, especialmente os que acarretam problemas de desempenho no ritmo e na produção da grafia.

escrita. Escrever demanda a operação imbricada dos órgãos corporais, assim como o ato de dançar demanda, não os membros do corpo, mas os seus movimentos articulados em função da figuração de uma imagem que se desenha no espaço vazio e só existe no e pelo gesto realizado e assentado na alternância ritmada de tronco, braços e pernas. Nisso consiste o lado abismal da experiência de escrever do paraplégico que aqui se testemunha. É quando o corpo do sujeito que escreve entra em articulação com o corpo de sua escrita: esta figura um terreno que, ao desmoronar, afunda consigo o corpo que o movimenta.

Na impossibilidade de mover as pernas, João Carlos, o narrador de *Minha profissão é andar*, retoma o instante incerto de contato com o *déficit* de dinâmica corporal, reserva, no limite da mesma vivência, sempre escritural, as palavras que devem rearticular, mediante a operação de dizer escrevendo, movimentos impensados no corpo. Se, como diz Barthes, na escrita há um corpo que se perde, para o sujeito que escreve em estado de paralisia, o corpo deixa de ser uma grandeza subtraída, para entrar em composição com o exercício do escrever e sustentar nele o sujeito que se opera na enunciação autobiográfica.

Eu enriquecia meu avesso tão importante. A cadeira de rodas me possibilitava incursões surpreendentes. Mesmo sentado, eu recompunha meus pedaços ativos, e o ajuntamento deles me andava sem pernas. Eu começava a aprender a andar sem elas. (PECCI, op. cit. p.47)

Algo na estrutura lingüística deste fragmento narrativo aponta para a ação que o sujeito exerce sobre si articulando, através de certo arranjo de escrita, pequenas percepções do corpo em pedaços. Destaco a não concatenação paradoxalmente produzida na relação sujeito/verbo em. “e o ajuntamento deles me andava sem pernas” é que pelas propriedades lexicais previstas na gramática da língua, o termo *ajuntamento* não poderia ser colocado na posição de sujeito do verbo andar. Mas o que não concatena no plano do enunciado encadeia-se ao nível da enunciação.

Nesse sentido, o pronome *me*, heterodoxamente gerado como objeto do verbo intransitivo, é a expressão do que na enunciação excede à sintaxe. O emprego desse recurso indica, na escrita, o sintoma material representando a ação do sujeito sobre si ao aludir à junção entre as mãos e a roda da cadeira. João Carlos opera um modo de narrar em que fabula o encontro solidário entre partes de diferentes corpos, que ele designa como “*meus pedaços ativos*”.

O modo de narrar mostra o protagonista agindo como em uma pantomima, espetáculo em que os gestos, retirados de seus objetivos, exibem-se no intervalo entre o desejo e a realização³. Pelo engenho da escrita encarnando em si o ajuntamento de seus pedaços ativos, o protagonista toca o gesto de andar como fim em si mesmo, ou como meio que, fora de qualquer finalidade exterior, faz o paraplégico andar sem pernas. O eu de que depende a recomposição da atividade é o mesmo que é objeto da ação de andar. Eis como, mediante inusitadas concatenações, ao nível da sintaxe, a escrita faz corpo para o sujeito que narra a si se efetivando na relação singular que o escrever proporciona com sua paraplegia.

É inconcluso tanto o sujeito, quanto o corpo que redistribui a potencia de seus movimentos aliando o que resta de suas funções orgânicas às extremidades do que se acha na vizinhança dele. O que se apresenta como moventes em contraposição à paraplegia, João Carlos faz tomar corpo em suas palavras “*Uma cadeira de rodas é um vestígio de pernas*”:

- (...) Quando falo do sol e sinto que ele se locomove, eu vejo pernas nele (...). Enxergo pernas em teus braços, em teus cabelos, porque eles têm vida! Vejo pernas nas mãos de Zefina fazendo comida. Amo as pernas das pessoas porque ainda amo as minhas pernas, e elas me faltam. As vezes eu me pego chutando certo quando vejo na tevê um cara perdendo um gol, chutando fora. Parece que posso, entende? Acho lindas as pernas da formiga, da mosca ou de um cão. Eu contemplo e procuro minhas pernas em tudo o que se movimenta. (PECCI, op. cit. p.69)

De fato não são as pernas que importa evocar e sim, da alcova, os indícios delas que, habitando outros corpos, têm a força de virtualmente fazê-lo andar. Aqui se pode ilustrar o que diz José Gil (2002) sobre a pele como “ponto a partir do qual se dá uma abertura do corpo em relação ao que lhe é exterior”. Isso vale para retirar a interpretação da fala de João Carlos da rede dos discursos de compensação. O que se lê nesta passagem é da ordem da ampliação, da elasticidade corporal que se abre deixando-se invadir dos movimentos que lhe são exteriores. No dizer de Orlandi (2002), corpo textual e corpo subjetivo articulam-se inexoravelmente. O movimento de composição escritural, a modo de um toque sobre a pele, alia-se a um processo de subjetivação em que uma autobiografia pode tomar forma.

³ Aludo a uma referencia que Agamben faz a Malarmé que formula a idéia do gesto como meio puro.

5. A DIMENSÃO ABISMAL DA EXPERIÊNCIA DE ESCREVER

É inevitável que as palavras desse escrito desfilassem sob as ordens de uma orquestração discursiva que lhes conotam sentidos coragem, força e otimismo para todos os que passam por episódio semelhante. Em vez disso, que é o avatar da experiência subjetiva que tais eventos trágicos propiciam, pensei atentar para a autobiografia que, no movimento próprio de sua escritura, pode mostrar o sujeito hesitando entre o permanecer no lugar seguro da identidade pré-construída e a queda no acontecimento em que a subjetividade é algo sempre por vir.

Neste trabalho, pretendi explorar a dimensão lacunar do ato de escrever. O objetivo foi descrever as modalidades escriturais pelas quais o corpo do sujeito que escreve articula-se com o corpo da escrita. Este é aqui definido ao mesmo tempo como material autobiográfico que serve para compor a escritura de si e como figura da superfície em que se constituem simultaneamente o sujeito e o corpo. A subjetivação aí envolvida pode nos levar a pensar o espaço em que o dizer se articula com o corpo e descreve o próprio de si na instância da escritura.

Como delinear, no fluxo da leitura de autobiografias produzidas no ápice da experiência do desastre, o gesto de que se serve o sujeito para contar sua história de paraplégico? A questão é observar, sob o estatuto da enunciação, no plano da escrita, como se embrenham os movimentos implicados na escritura e no corpo do sujeito.

Trata-se de entrever, na experiência de escrever, o aparecimento do sujeito que autobiograficamente inventa a si articulando a precária organicidade motora em seu corpo paraplégico à virtual ordem orgânica da escrita. Chega assim a arquitetar, como suporte de subjetivação, um corpo feito de escrita. O lugar de contato entre um e outro - corpo e escrita - entrevejo no que ambos apresentam de ação permanente. Deste modo, essas duas heteróclitas grandezas corporais entrecruzam-se em pontos que suturam espaços subterrâneos, provedores de subjetivação.

BIBLIOGRAFIA

- AGAMBEN, G. Notes sur le geste. In : *Moyens sans fins*. Paris, Editions Payot Rivage, 2002, p. 67-71.
- BARTHES, R. Leituras; o gesto. Cy Twombly ou non multa sed multon. In: *O obvio e obtuso*. Lisboa, Edições 70, 1984, p. 138-151.

- BENVENISTE, E. A estrutura das relações de pessoa no verbo. In: *Problemas de linguística Geral I*. Campinas, Ed. Pontes, 1996.
- BLANCHOT, M. A solidão essencial. In: *O espaço literário*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Rocco, 1987, p.9-25.
- FOUCAULT, M. *Ordem do discurso*. São Paulo, Edições Loyola, 1996.
- GIL, J. O corpo paradoxal. In: *Nietzsche e Deleuze. Que pode o corpo*. LINS, D. e GADELHA, S.(orgs). Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002, p. 131-148.
- ORLANDI, E. *Texto e Discurso, formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, S\p, Ed. Pontes, 2002.
- PELBART, P. P. O corpo do informe. In: *Vida Capital. Ensaio de Biopolítica*. São Paulo, Iluminuras, 2003, pp. 42-54.
- SERRES, M. *Variações sobre o corpo*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Marisa Perasil Bosco. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2004.
- SOUZA, P. Do erotismo na escrita: pontos de articulações corporais. In: *Saberes e fazeres de gênero: entre o local e o global*. Luzinete Simões Minella e Suzana Bornéo Funck (orgs). Florianópolis, Editora da UFSC, 2006, p.155-160.
- STIEGLER, Bárbara. *Nietzsche et la biologie*. Paris. Presses Universitaires de France, 2001.